

# Ciência e arte nas estratégias argumentativas de Paul Feyerabend<sup>1</sup>

## *Science and art in Paul Feyerabend's argumentative strategies*

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Francine Marcondes Castro Oliveira**

Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá  
fran.ufpr@gmail.com

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Cristina de Amorim Machado**

Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá  
cristina\_machado@yahoo.com

**Prof<sup>o</sup>. Dr. Ourides Santin Filho**

Departamento de Química da Universidade Estadual de Maringá  
osantin@uem.br

**Prof<sup>o</sup>. Dr. Valdeni Soliani Franco**

Departamento de Matemática da Universidade Estadual de Maringá  
vsfranco@uem.br

Recebido em: 20/10/2019

Aceito em: 24/10/2019

<sup>1</sup> Os autores gostariam de registrar aqui o seu agradecimento especial a Antonio Augusto Passos Videira (UERJ), grande incentivador desta publicação e membro da banca de doutorado de uma das autoras deste artigo, que toma como base a seção 4.1 da sua tese: *Anarquismo epistemológico em ação: a ciência de Rudolf Steiner na perspectiva do pluralismo global de Paul Feyerabend* (OLIVEIRA, 2019, p. 104-127).

### RESUMO

Este artigo pretende apresentar algumas das estratégias argumentativas de Paul Feyerabend, nas quais ele costuma usar procedimentos artísticos combinados aos científicos para refletir sobre as relações entre ciência e arte. Nossa pesquisa bibliográfica identificou as seguintes estratégias: crítica imanente, análise linguística, *reductio ad absurdum*, investigação histórica, imagens, diálogos, atuação e histórias simples. Além de uma descrição didática dessas estratégias, fornecemos exemplos delas em vários textos de Feyerabend, e também uma nova categoria: as narrativas arquetípicas. O presente texto pode funcionar como um guia de leitura para a obra de Feyerabend.

**Palavras-chave:** Ciência e arte. Paul Feyerabend. Narrativas arquetípicas de Feyerabend. Estratégias argumentativas de Feyerabend.

### ABSTRACT

*This paper intends to present some of Paul Feyerabend's argumentative strategies, in which he often uses artistic procedures combined to scientific ones to think about the relations between science and art. Our bibliographical research identified the following strategies: immanent criticism, linguistic analyses, reductio ad absurdum, historical investigation, images, dialogues, acting and plain stories. In addition to a didactic description of these strategies, we provide examples in various Feyerabend's texts and a new category: the archetypal narratives. This could serve as a reading guide to Feyerabend's work.*

**Keywords:** Science and art. Paul Feyerabend. Feyerabend's archetypal narratives. Feyerabend's argumentative strategies.

## 1. Introdução

Não há campos que sejam ‘puramente científicos’ e outros que nada mais são que ‘arte pura’, com uma área entre eles na qual as duas coisas se misturam, mas sim procedimentos artísticos que ocorrem por todo lado nas ciências e sobretudo lá onde se têm feito descobertas surpreendentes. (FEYERABEND, 2013, p. 8)

O nome de Paul Feyerabend (1924-1994) é frequentemente associado à polêmica e à causticidade. Vários rótulos lhe foram atribuídos pelos diversos autores que comentaram sua produção, seja com bons ou maus olhos. “Salvador Dalí da filosofia acadêmica” e “pior inimigo da ciência” foram mencionados pela primeira vez em um artigo de 1987 da revista *Nature* (THEOCHARIS; PSIMOPOULOS, 1987, p. 596). De lá para cá, muita criatividade foi despendida para empregar novas denominações ao “fenômeno Feyerabend”: “[...] ‘niilista gnosiológico’, ‘court jester da filosofia da ciência’, ‘profeta do irracionalismo’, [...] ‘enfant terrible da epistemologia’ [...]” são alguns outros lembrados por Abrahão em sua tese sobre o pluralismo global que ele identifica no autor (2015, p. 14). Já Elisabeth A. Lloyd (em tom irônico) introduz o capítulo *Feyerabend, Mill and pluralism* lembrando:

Paul Feyerabend tinha uma reputação, entre muitas, de ser anticientífico, irracionalista, antimetodologista, anti-razão, um relativista sobre evidências e um anarquista epistemológico. Mais geralmente, ele assume a imagem do extremo relativista em muitas comparações na filosofia da ciência. (LLOYD, 2000, p. 115)

Tal impacto na comunidade de leitores, críticos e comentadores provavelmente não se deu somente pelos conteúdos propostos e debatidos por Feyerabend, mas também pela maneira como ele os apresentou. A forma empregada pelo autor é um fator tão relevante que parte das controvérsias levantadas sobre seus escritos, tanto entre o público geral quanto entre os especialistas, é a ela atribuída.

Eric Oberheim e Paul Hoyningen-Huene (2000, p. 369), por exemplo, concluíram, após a análise de produções anteriores ao livro mais conhecido de Feyerabend, *Contra o método*, que a sua obra pode ter sido mal interpretada por estudiosos significativos (como John Preston) devido à recorrente utilização de uma estratégia argumentativa específica, a “crítica imanente”.

Em seu texto introdutório como editor de *The tyranny of science*, Oberheim afirma que faziam parte do repertório argumentativo feyerabendiano “[...] muitos métodos diferentes, incluindo análise linguística, *reductio ad absurdum*, investigação histórica, imagens, diálogos, atuação e apenas histórias simples [...]” que lhe permitissem desenvolver suas ideias (2011, p. x). O tratamento descritivo dessas estratégias pode funcionar como guia de leitura para auxiliar a compreensão do *corpus* feyerabendiano, tomando esse próprio índice criado por Oberheim. É isso que faremos neste artigo, a fim de demonstrar a enriquecedora relação entre ciência e arte nos argumentos de Feyerabend.

Dirigindo um primeiro foco às abordagens da redução ao absurdo e da crítica imanente, temos os estilos argumentativos mais difíceis de se identificar e que melhor caracterizam o espírito feyerabendiano. Essas estratégias possuem semelhanças, sendo muitas vezes sutis as características que permitem determinar se um exemplo extraído da obra do autor aproxima-se mais da natureza de uma ou de outra. Indubitavelmente, ambas são, de longe, as formas de organização do discurso feyerabendiano mais associadas ao engano interpretativo.

Na sequência, veremos ainda a análise linguística, as imagens, a atuação, os diálogos, a investigação histórica e o recurso a histórias. A esse índice ainda foi acrescentada uma nova categoria distinta que chamamos de “narração arquetípica”.

## 2. Estratégias argumentativas de paul feyerabend: interações entre ciência e arte

### 2.1 Redução ao absurdo

A redução ao absurdo é um tipo de argumentação lógica que consiste em assumir provisoriamente o conteúdo de um determinado argumento e proceder a derivação dele até a obtenção de uma consequência absurda ou desarrazoada, demonstrando a inadequação de suas premissas originais.

Como a execução do procedimento fica implícita, o argumento desenvolvido pode ser atribuído ao próprio autor, como se ele compartilhasse ou mesmo defendesse a tese aludida. Robert Farrell (2003, p. 12) enfatiza que, apesar das contínuas exortações de Feyerabend, muitos filósofos permaneceram cegos para suas reduções ao absurdo, ainda que a estrutura do argumento seja relativamente simples.

Não por coincidência, a ocorrência mais clássica e famosa de redução ao absurdo na obra feyerabendiana foi, notadamente, a declaração do autor que mais causou (e tem causado) espanto, polêmica e indignação entre leitores de todo o mundo, em diversos níveis de especialização. Essa declaração oferecia resposta à pretensão racionalista de estabelecer um único método, universalmente válido, para se definir a ciência (FARRELL, 2003). Derivando esta demanda alheia sem abandonar o conhecimento histórico sobre a prática científica, Feyerabend chega ao critério “tudo vale” como única solução para quem quer um princípio universal (algo que ele jamais pretendeu alcançar).

“Tudo vale”, entretanto, é amplamente associado a Feyerabend como uma proposta do autor para a prática científica. Não se pode, contudo, acusá-lo de não ter se explicado suficientemente. Reconstituindo sua argumentação, encontram-se, na primeira tradução de *Contra o método*, as seguintes palavras:

Os que tomam do rico material da história, sem a preocupação de empobrecê-lo para agradar a seus baixos instintos, a seu anseio de segurança intelectual (que se manifesta como desejo de clareza, precisão, ‘objetividade’, ‘verdade’), esses vêem claro que só há um princípio que pode ser defendido em todas as circunstâncias e em todos os estágios do desenvolvimento humano. É o princípio: tudo vale. (FEYERABEND, 1977, p. 34)

Para suprir dúvidas possíveis a respeito de seu argumento, algumas páginas à frente Feyerabend complementa:

Meu objetivo não é o de substituir um conjunto de regras por outro conjunto do mesmo tipo: meu objetivo é, antes, o de convencer o leitor de que todas as metodologias, inclusive as mais óbvias, têm limitações. A melhor maneira de concretizar tal propósito é apontar esses limites e a irracionalidade de algumas regras que alguém possa inclinar-se a considerar fundamentais. No caso da indução (inclusive a indução por falseamento), isso equivale a evidenciar até que ponto o processo contra-indutivo encontra apoio em argumentações. Tenha-se sempre em mente que as demonstrações e a retórica usada não expressam ‘profundas convicções’ minhas. Apenas mostram como é fácil, através de recurso ao racional, iludir as pessoas e conduzi-las a nosso bel-prazer. Um anarquista é como um agente secreto que participa do jogo da Razão para solapar a autoridade da Razão (Verdade, Honestidade, Justiça e assim por diante). (FEYERABEND, 1977, p. 42)

E a explicação acima é acompanhada de uma nota na qual Feyerabend responde a uma crítica:

‘Dada’ [...] ‘não se limitava a não ter programa; era contra todos os programas.’ Isso não exclui a habilidosa defesa dos programas, para mostrar o caráter quimérico de todas as defesas, ainda que ‘racionais’ [...]. (De idêntica maneira, um ator ou teatrólogo poderia

apresentar todas as manifestações externas de ‘profundo amor’ para desmascarar a impostura do ‘amor profundo’. Exemplo: Pirandello.) Espero que essas observações afastem o temor que a senhorita Koertge manifesta de que eu apenas pretendia iniciar um novo movimento, onde os lemas ‘prolifere’ ou ‘tudo vale’ substituam os lemas do falseamento, do indutivismo ou da programação de pesquisas. (FEYERABEND, 1977, p. 44)

Em *A ciência em uma sociedade livre* (2011), Feyerabend retorna à questão respondendo a críticos, e afirma claramente que “tudo vale” não expressa qualquer convicção sua, mas configura apenas um resumo jocoso da situação racionalista. Em sua exposição, ele esclarece que, se é de um princípio universal que o racionalista precisa, é possível oferecer um, ainda que seja vazio e ridículo, como dizer que “qualquer coisa serve” (FEYERABEND, 2011, 51).

Farrell reforça que é óbvio que Feyerabend está conduzindo uma redução ao absurdo do racionalismo. Entretanto, “a julgar pelas críticas de revisores, da obra de 1975 [*Contra o método*], parece que não é óbvio para muitos [...]” (2003, p. 12).

Considerando a clareza e insistência com que o autor procurou defender sua recusa em emitir prescrições, não se pode descartar más interpretações intencionais da obra feyerabendiana. Neste sentido, em concordância com Farrell, Lloyd reitera que o slogan “tudo vale” era essencialmente uma redução ao absurdo dirigida a uma forma específica de racionalismo, em vez de uma declaração positiva do autor. No entanto, em seu parecer, uma razão subjacente poderia ser o motivo da leitura incorreta deste slogan de Feyerabend, a saber: “[...] sua defesa do valor de uma proliferação referente a pontos de vista e a métodos, e sua insistência na tolerância que deve acompanhar esta proliferação.” (2000, p. 115). A quem defende a hegemonia e universalidade da ciência, esses valores geralmente se apresentam como aversivos e até mesmo perigosos.

## 2.2 Crítica imanente

Passando agora à crítica imanente, é necessário fazer uma diferenciação da estratégia anterior. Seu desenvolvimento consiste no julgamento de um objeto e/ou da derivação dele sob a suspensão de critérios externos. Apesar de sua semelhança com a redução ao absurdo, na crítica imanente é essencial a emissão de uma avaliação fundamentada tão-somente em fatores de discernimento internos ao objeto que é apreciado. Com isso, pode-se, por exemplo, demonstrar a irrazoabilidade de um argumento em função da inadequação do juízo a respeito de suas variantes.

Como já se pode supor, não faz parte do estilo feyerabendiano avisar que uma crítica imanente será iniciada, por isso, assim como ocorre no caso da redução ao absurdo, leitores desavisados podem atribuir ao próprio autor uma ideia que ele se esforça para refutar. De acordo com Oberheim e Hoyningen-Huene, esta não é apenas uma hipótese:

É importante refletir sobre com que coisas Feyerabend se compromete e não se compromete ao longo do curso de seu argumento. Obviamente, qualquer ataque notável deve ter como alvo elementos com os quais Feyerabend está comprometido. No entanto, no caso de Feyerabend, é evidentemente difícil identificar exatamente esses elementos, porque ele frequentemente usa críticas imanentes, ou, em outras palavras, argumentos *ad hominem*. Neste tipo de raciocínio, o uso de alguma distinção ou conceito pode ser temporariamente adotado por Feyerabend, como parte do argumento ou posição que ele está atacando. Desta forma, Feyerabend apenas pretende mostrar que existe uma inconsistência entre os vários elementos utilizados pelos seus adversários. Isso não o compromete com nenhuma defesa substancial desses elementos. Ele só tem que mostrar (a) que seus adversários estão realmente usando esses elementos, e (b) que quando considerados juntos, ou eles são inconsistentes, ou levam a consequências que são indesejáveis aos seus adversários. (OBERHEIM; HOYNINGEN-HUENE, 2000, p. 369)

Uma leitura mais favorável à detecção de críticas imanentes em Feyerabend pressuporia uma confiança absoluta em seu poder de manter a lógica interna, além do conhecimento do seu estilo e das teses que compõem e não compõem seu repertório. Dessa forma, ao perceber uma contradição, o leitor poderia conjecturar que uma crítica imanente estaria se iniciando e fazer a leitura dela como tal. Este, entretanto, não seria o tipo de leitura que o próprio autor recomendaria para sua obra. A surpresa, os impactos paradoxais e as idas e vindas que produzem um diálogo inconformado do leitor com sua obra combinam-se melhor ao seu legado.

Provavelmente, a crítica imanente mais notória de Feyerabend tenha sido aquela que envolveu Galileu e a Igreja do século XVII. Em *Ciência, um monstro*, Feyerabend (2016, p. 79-83) recobra o argumento e faz uma exposição didática para esclarecer sua intenção ao produzi-lo. As razões que o levaram a isso, no entanto, devem ser recobradas. Naquele contexto, já haviam se passado quatro anos da publicação da segunda edição inglesa de *Contra o método* (lançada em 1988), na qual Feyerabend afirmou (e reafirmou posteriormente na terceira edição), no capítulo 13:

Na época de Galileu, a Igreja foi muito mais fiel à razão do que o próprio Galileu, e também levou em conta as consequências éticas e sociais da doutrina de Galileu. O veredito da Igreja contra Galileu foi racional e justo, e a revisão da condenação apenas pode ser explicada por meio do oportunismo político. (FEYERABEND, 2007, p. 181)

Convenientemente, em 1990, ao proferir uma palestra sobre o caso Galileu (contextualizada no período em que uma comissão, organizada pelo papa João Paulo II, reexaminava o julgamento do cientista florentino (1981-1992)), o então cardeal Joseph Ratzinger citou estas mesmas palavras de Feyerabend como um apoio filosófico à condução do processo inquisitório exercido pelos representantes do Santo Ofício no século XVII (TERRA, 2008, p. 665).

Em 12 de maio do mesmo ano, Feyerabend foi entrevistado pelo jornalista Marcello Frediani – do jornal italiano independente *Il Sabato* – e este, de certa forma, lhe ofereceu a oportunidade de se defender do possível uso indevido de suas palavras ao lhe dirigir a seguinte pergunta: “Sua ponderação sobre o julgamento de Galileu foi utilizada pelo cardeal Ratzinger e publicada em nosso jornal. Essa era uma leitura correta do seu pensamento na sua opinião?” (UN GIUDICE..., 1990, p. 56). A resposta de Feyerabend foi:

Minha posição foi corretamente apresentada [pelo Cardeal Ratzinger]. A Igreja estava certa em dizer que os cientistas não têm a autoridade final em questões científicas. Muitas pessoas hoje concordam sobre este ponto. Entende-se que os cientistas possuem uma competência em campos restritos, que muitas vezes eles não se baseiam em suas competências e que, quando o fazem, seus julgamentos entram em conflito. (UN GIUDICE..., 1990, p. 56)

As conferências de Feyerabend em Trento, que resultaram na edição do livro *Ciência, um monstro*, ocorreram apenas dois anos mais tarde, e o autor ainda enfrentava, em função de suas afirmações e do uso delas por Ratzinger, uma atmosfera renitente.

É patente que sua crítica imanente não havia sido identificada pelos leitores trentinos<sup>2</sup> que ainda se encontravam irritados com Feyerabend, assim como também não o foi por Ratzinger e por grande parte de seus críticos pelo mundo. Feyerabend, então, dedicou vários minutos de sua palestra a um esclarecimento do qual se podem destacar os seguintes trechos:

Gostaria agora de relacionar toda essa conversa com um evento que ainda provoca muito furor: a condenação de Galileu. A Igreja estava totalmente equivocada ou sua atitude teve algum sentido? (FEYERABEND, 2016, p. 79)

2 Notadamente, as críticas imanentes de Feyerabend não são compreendidas pela maior parte do público em geral até hoje.

Retornemos à atitude da Igreja e façamos novamente a pergunta que nosso fanático com a ciência faz sempre que tem oportunidade: a decisão da Igreja foi ‘racional’?

Isso depende de quais critérios de racionalidade vamos escolher. (FEYERABEND, 2016, p. 82)

A avaliação dos peritos da Igreja [no século XVII] estava cientificamente correta e tinha a intenção social certa, a saber, proteger as pessoas das maquinações dos especialistas [representados por Galileu]. Desejava proteger as pessoas de serem corrompidas por uma ideologia estreita que podia funcionar em domínios estritos, mas era incapaz de sustentar uma vida harmoniosa. Uma revisão da avaliação [que foi produzida pelos peritos eclesiais] poderia conquistar à Igreja alguns amigos entre os cientistas, mas prejudicaria severamente sua função como preservadora de importantes valores humanos e sobre-humanos. (FEYERABEND, 2007, p. 192)

O fundamento da “defesa” de Feyerabend em relação à Igreja neste caso é que se uma tradição recebe poder para definir o que é e o que não é racional para uma sociedade e age de forma coerente com suas próprias definições, então tecnicamente ela está do lado da razão (pelo menos contextualmente), independentemente das consequências e razoabilidade relativa de suas ações.

Contra os perigos procedentes desta situação, podem-se extrair duas premissas das defesas feyerabendianas: a) uma tradição poderosa não tem o direito de aplicar meios coercitivos para defender seus fundamentos (ou a razão) das ameaças oferecidas por outras tradições, mesmo quando assume provisoriamente a responsabilidade pela coesão social; e b) a tomada da hegemonia por uma tradição não é benéfica e pode levar a resultados desastrosos. É preciso haver meios de limitar a ação de tradições poderosas para proteger os indivíduos dos excessos delas. Ou seja, a assunção do direito de definir o que é a razão por uma única tradição é perniciosa, pois ela tenderá a solapar outras formas de vida.

A atuação ideológica pelos direitos da ciência na sociedade moderna vai de encontro com ambas as premissas. Sendo assim, pode-se inferir que quando a avaliação recai sobre a Igreja, é fácil concordar com os pressupostos formais de Feyerabend. O problema ocorre quando ele aplica os mesmos pressupostos à ciência.

A questão, no entanto, pode ser mais elementar. Ao discordar do argumento feyerabendiano de que a Igreja estava do lado da razão (e por isso agiu razoavelmente no caso de Galileu), grande parte dos defensores da supremacia da ciência não assume concordância com as premissas acima, mas apenas com a pressuposição de que a Igreja não detinha a razão, porque a razão (a verdadeira) estaria do lado da ciência. Eles acreditam que a ciência tem o direito de assumir *status* hegemônico e produzir julgamentos com base em seus critérios, porque a linguagem da ciência é “legítima” e desprovida de “sotaque”.

O que estas pessoas parecem não notar é que elas compartilham os sentimentos dos inquisidores de Galileu.

Ora, um conhecimento histórico básico permite notar que a razão muda muito de lugar. Em *Adeus à razão*, Feyerabend afirma que ela não tem um conteúdo específico, o que, em seu parecer é “uma tremenda vantagem”, pois “permite que grupos especiais se denominem ‘racionalistas’, afirmem que sucessos amplamente reconhecidos foram obra da “Razão” e usem força para suprimir desenvolvimentos contrários aos seus interesses.” (FEYERABEND, 2010, p. 19).

Revisto esse exemplo clássico do histórico feyerabendiano, é possível se questionar sobre qual fator ou circunstância benéfica derivaria do uso desse estilo argumentativo pelo autor, já que ele culminou, muitas vezes, em incompreensões e frenesis evitáveis.

Ora, com a crítica imanente aqui recordada, Feyerabend induziu muitos grupos a produzir argumentações contraditórias com sua própria ideologia. Se esse resultado, por um lado, não é suficiente para que os integrantes desses grupos revejam suas posições, por outro, conserva indiscutível caráter lúdico, o que também

constitui um elemento essencial do estilo feyerabendiano. A quem pudesse duvidar de que isso fosse relevante para o autor, é possível apresentar uma afirmação do próprio Feyerabend, ao responder uma pergunta de um membro da plateia das conferências de Trento, em 1992, a respeito do subtítulo de *Contra o método*:

É tudo brincadeira. Veja só, o subtítulo diz: ‘Esboço de uma teoria anárquica do conhecimento’. Mas o que é anarquismo? Desordem. O que é teoria? Ordem. Combinar os dois termos é um artifício dadaísta voltado para aqueles anarquistas que querem ser anarquistas e ao mesmo tempo possuir uma teoria – ou seja, uma tarefa impossível. (FEYERABEND, 2016, p. 130)

### 2.3 Análise linguística

O terceiro estilo argumentativo feyerabendiano sobre o qual pretendemos explicar é a análise linguística. Feyerabend agregou conteúdo próprio a diversas expressões, e sua obra por si é um universo de análises linguísticas em movimento. Termos como “cosmologia”, “visão de mundo” e “formas de vida”, por exemplo, são usados geralmente como sinônimos, e expressam um conjunto basilar de ideias sobre a existência e a realidade, que caracterizam uma tradição e constituem parâmetro para a ação e a racionalidade entre aqueles que a adotam. Já a palavra “ideologia” pode ser mais um sinônimo das anteriores, mas também é utilizada quando a esse significado Feyerabend deseja acrescentar o sentido de poder de convencimento, condução ou imposição do qual este conjunto de ideias pode desfrutar.

Notadamente, a palavra “cosmologia” contém uma definição operacional mais específica para outros autores. O cosmólogo Luiz Alberto Oliveira, por exemplo, define “cosmologia científica” como:

[...] uma ciência física que objetiva descrever a gênese, a constituição e o desenvolvimento da totalidade organizada dos eventos físicos, denominada de Cosmos, que identificamos ao Universo astronômico enquanto expressão mais abrangente da realidade natural. (OLIVEIRA, 2010, p. 445)

Nesse texto, o autor procede uma breve reconstituição do percurso das ideias cosmológicas, partindo da Grécia antiga até a atualidade, de forma a expressar que foi paulatino o desenvolvimento da concepção (que atualmente tem hegemonia na física) de que a totalidade pode ser observada e é evolutiva. Ele recupera noções básicas das cosmologias platônica, aristotélica, ptolomaica, copernicana, cartesiana, newtoniana e relativística, situando com essa última a ascensão da microfísica quântica, que tem sido base para o desenvolvimento de hipóteses com potenciais para produzir uma “autêntica transição ou revolução paradigmática” na cosmologia (OLIVEIRA, 2010, p. 474). Segundo o autor, o objeto da cosmologia contemporânea seria a “totalidade evolutiva”, que poderia transitar para a “totalidade que se auto-observa”, caso a concepção de cosmos quântico alcançasse maior visibilidade.

Por conseguinte, a ideia feyerabendiana de “cosmologia” é mais ampla, abarca a de Oliveira, bem como expressões de “noção de mundo” menos demarcadas ou dotadas de naturezas diversas.

Para fornecer um exemplo, pode-se recordar que, ao afirmar que “o criticismo cosmológico cresce de importância quando novos métodos e novas formas de conhecimento surgem em cena” (1977, p. 312), Feyerabend explica, em nota, que sua acepção da palavra “cosmologia”, neste caso, abrange “história, sociologia, psicologia e todos os outros elementos capazes de influenciar o êxito de certo procedimento.” Nesse contexto, sua explicação é completada ainda pela seguinte frase: “A ‘lei’ do desenvolvimento desigual, por mim referida no capítulo XII, pertence também à cosmologia, tomada neste sentido.” (FEYERABEND, 1977, p. 327).

Na tradução da primeira edição de *Contra o método*, Octanny S. da Mota e Leonidas Hegenberg (FEYERABEND, 1977) optaram pela palavra “cosmologia” (ou suas variantes) 74 vezes, enquanto a expres-

são “formas de vida” aparece somente três vezes, e “visão de mundo” não é utilizada. A palavra “ideologia” (e suas variações) foi ainda mais comum: aparece 83 vezes. Na terceira edição original de *Contra o método*, Feyerabend (1993) emprega o termo *cosmology* 70 vezes; *ideology*, 23; e *forms of life*, 3.

Muitas vezes, ao empregar a palavra “cosmologia” seguida de diversas adjetivações, Feyerabend trabalha com a noção de que visões de mundo hegemônicas constituem tão-somente tradições entre outras tradições. Faz isso, por exemplo, quando se refere a “cosmologias científicas”

O uso da palavra “educação” na obra de Feyerabend é outro exemplo interessante de agregação de significado peculiar. “Educação”, por vezes, é um termo aplicado em sua acepção convencional pelo autor. Outras vezes, porém, é acompanhado de um tom pejorativo e utilizado como um eufemismo para a ação de conversão manipulativa de indivíduos a uma ideologia. O contexto promove a definição entre estes dois significados, mas a interpretação é livre, já que não é acompanhada de explicações adicionais.

O exercício de explicar a natureza das palavras e seus significados, no entanto, torna ainda mais claro o estilo argumentativo que Oberheim (2011) chamou de análise linguística. A forma de Feyerabend executá-lo, entretanto, se diferencia do recurso à arqueologia convencional do termo, porque ele se recusa a produzir um tratamento sistemático.

Para Feyerabend, sistematizações arrancam as ideias do solo fértil que as fez crescer e “até mesmo a simples tentativa de descrever pode lançar um véu de ilusão sobre o mundo.” (FEYERABEND, 2005, p. 36). Desta forma, seu método de produção de análise linguística é constituído por uma viagem livre e errática pelos usos e contextualizações do termo tratado, capaz de revelar imagens arquetípicas e a noção de sua não uniformidade.

A título de exemplo, pode-se recorrer aos registros das conferências de Trento, quando, ao receber a pergunta “O que é verdade para você?” (FEYERABEND, 2016, p. 154), Feyerabend responde:

Bem, às vezes é uma coisa, às vezes, outra. Vocês acham mesmo que existe uma única explicação breve e satisfatória, que integre todos os usos do termo ‘verdade’? Ou, de modo mais geral, que existe algo que possa explicar por que as pessoas dizem que o Big Bang é verdadeiro, que a existência de Deus é verdadeira, que o sofrimento de Cristo é verdadeiro, que a perversidade da minha sogra é verdadeira e que é verdade que, neste momento, eu estou com fome? Vocês acreditam que queremos dizer a mesma coisa em todos esses casos, e que essa coisa possa ser explicada em uma ou duas frases? Diante de um júri, uma testemunha supostamente deve dizer a verdade, somente a verdade, nada mais que a verdade. Comparemos com isso a Verdade do cristianismo. A primeira diz respeito a por-menores, a segunda, a toda a história da humanidade. É claro, usamos a mesma palavra, mas não quer dizer que as duas tenham o mesmo sentido, ou que tenham algum sentido. (FEYERABEND, 2016, p. 154)

Algo com aspectos semelhantes, mas muito mais extenso, foi produzido ao longo do primeiro capítulo de *Adeus à razão* (p. 27-110) a respeito do termo “relativismo”. No início do capítulo o autor explica:

O relativismo tem uma longa história: começou mais ou menos lá pela Idade do Bronze no Oriente Próximo [...]. Foi discutido e transformado em uma doutrina pelos gregos, durante a transição das cosmologias dos pré-socráticos pautadas pela matéria para as ideias políticas dos sofistas, Platão e Aristóteles. Inspirou o movimento cético e, através dele, os predecessores do Iluminismo [...]. Perdurou durante todo o Iluminismo e, nos dias atuais, está bastante em moda como uma arma contra a tirania intelectual e como um meio de desmascarar a ciência. As ideias e práticas relativistas não estão restritas ao Ocidente e não são um luxo intelectual. Ocorreram na China e foram transformadas em uma das belas artes por nativos africanos após o encontro com raças, costumes e religiões diferentes ter lhes mostrado as muitas maneiras de viver que existem sobre esta terra.



[...]

Ocasionalmente, não há sequer uma versão; há apenas uma palavra ‘relativismo’ – e uma reação (carinhosa ou zangada, mas de qualquer forma prolixa) a ela. Para lidar com essa abundância, abandonarei a unidade sugerida pela palavra ‘relativismo’ e discutirei, em vez disso, uma variedade de pontos de vista. (FEYERABEND, 2010, p. 28)

Um terceiro exemplo constitui uma tentativa do autor de expressar de que forma a abundância contida em palavras simples é desenvolvida ao longo do tempo:

Tomemos um conceito como o de árvore, ou de ser humano. Conceitos desse tipo surgem de maneira bastante intuitiva, como consequência de encontrar, observar e agir em relação a vários indivíduos diferentes. As palavras associadas a eles e as explicações simples em que aparecem transmitem apenas parte de seu conteúdo. (FEYERABEND, 2016, p. 119)

## 2.4 Imagens

Prosseguindo nessa análise, deve-se ressaltar que a forma utilizada por Feyerabend para apresentar imagens como estratégia argumentativa contém, muitas vezes, semelhanças com aquela empregada em suas análises linguísticas. As imagens feyerabendianas geralmente estimulam o raciocínio errático, denotando a negação da linearidade e a tentativa de enfatizar a multiplicidade de possibilidades, ou a abundância, articulada à questão em foco.

Uma imagem muito significativa é oferecida por Feyerabend quando este, aos 9 minutos e 10 segundos da entrevista *Céus, o que é o ser humano?* (1993), explica a Rüdiger Safranski porque, em sua concepção, o Iluminismo não oferece (e até negou) um alento a quem se encontra desesperado. Um pouco antes, Feyerabend havia defendido que, apesar de todos os malefícios que a religião causara na Idade Média, um padre local ou mesmo a religiosidade eram fontes singulares de segurança e esperança para os indivíduos, e que uma das consequências do Iluminismo teria sido uma paulatina substituição destes elementos pelo conhecimento. Que tipo de conhecimento? As partículas elementares, por exemplo? Para Feyerabend, esse novo elemento em nada poderia auxiliar um ser humano que se encontra em desespero. Safranski, então, argumenta: “Você acha que, ainda que não ajude com as decisões seria uma ajuda para a vida?” A resposta de Feyerabend se inicia na argumentação de que conhecer o indivíduo é condição para lhe oferecer conselhos (ou alento). Num determinado momento sua explanação passa pela seguinte imagem:

[...] isso já aconteceu faz tempo. Eu me deparo diante do espelho. Entende? Vejo a mim mesmo. Pensei, ‘que desnutrido... que pessoa antipática é essa?’ Quando minha mulher entrou, vi que era eu. Quando vi que aquele era eu. A imagem na minha mente mudou. Eu disse: ‘Céus, o que é um ser humano?’ (CÉUS..., 1993)

A alusão construída por Feyerabend apela para sensações compartilhadas entre os seres humanos. A ocorrência de não se reconhecer no espelho por um curto momento já foi experienciada por muitas pessoas e pode conduzir ao reconhecimento de que menos ainda se compreende dos objetos exteriores. Feyerabend desdobra a argumentação, oferecendo mais uma imagem:

Tive uma namorada, uma vez. Eu tinha 29 anos e ela tinha 40. Era iugoslava. Era a mulher mais rápida da Iugoslávia, corredora dos 100 metros. Esteve nas Olimpíadas, e quando ela tinha uns 40 anos, ficamos juntos por uns dois anos.

Brigamos muito, depois gostamos um do outro de novo, e assim por diante. Depois de muitos anos, volto a Viena. Sabia onde morava. Eu subo, toco a campainha. A porta se abre. Sai uma mulher baixa e gorda. Pensei: 'deve ser a empregada'. Vi que era ela no mesmo instante. Ela volta a ser a pessoa de antes. Portanto, o que é uma pessoa? Supostamente, o rosto é o espelho da alma. Mas este espelho tem todo tipo de coisas. Todas as coisas possíveis, habituais... De repente, aparece um rosto completamente diferente. 'Quem é essa?', não é? Muitas vezes, eu e minha esposa falamos disso. Sobre realmente conhecer alguém. Devemos nos considerar felizes se tivermos minutos em que vemos de fato. (CÉUS..., 1993)

As palavras de Feyerabend referem-se à vivência da mudança na experiência visual decorrida do ato de reconhecer um indivíduo humano próximo que a princípio não tínhamos notado como tal. A troca súbita na sensação promovida pelos seus traços e a recuperação do repertório de lembranças aliadas à sua figura que, imediatamente, é fornecida pela memória e ocasionam a reinterpretação da imagem captada pela retina. A cena fornecida pela descrição do autor tem a intenção de fazer notar como as relações entre percepção e memória podem ser cambiantes e como os estímulos da realidade são abundantes de conteúdo. A simples explicação prolixa deste processo teria um potencial inferior ao da imagem em relação à capacidade de produzir identificação entre os interlocutores. Neste sentido, a imagem possui uma característica singular: ela apela para as sensações, além do raciocínio.

Nas últimas produções de Feyerabend, a utilização de imagens se tornou mais frequente. *A conquista da abundância* (FEYERABEND, 2005) e *Ciência, um monstro* (FEYERABEND, 2016) estão repletas de explicações construídas por meio de cenas imaginativas. Essa última obra, por exemplo, já é iniciada pela contação de três histórias que culminam na construção de uma única imagem por meio da condução do autor. A primeira delas refere-se a uma descoberta científica, e a segunda e a terceira remetem-se a acontecimentos sociais violentos que acometeram indivíduos em situações específicas. O fechamento compõe-se de uma proposta irrealizável que fornece elementos à imaginação. Mas como três histórias foram convergidas em uma única imagem? A seguir apresenta-se uma síntese da exposição referida.

Inicialmente, Feyerabend lembra que George Gamow (1904-1968) conjecturou (na década de 1940) que, se o Big Bang realmente ocorreu, a radiação gerada pela explosão teria se dissipado e se conservado até hoje, deixando um vestígio constante no universo. Em 1965, radioastrônomos notaram um ruído isotrópico no espaço – ou seja, um ruído constante que não dependia da “localização do Sol, dos planetas, das galáxias ou dos aglomerados de galáxias” para se manter (FEYERABEND, 2016, p. 41). Tal descoberta foi considerada uma confirmação para a teoria do Big Bang por aqueles que já eram adeptos dela. Não obstante, entre os opositores da teoria, a ausência de anisotropia foi recebida com descrédito, uma vez que o universo precisaria ser uniforme (o que se conjectura que não foi, desde o início) para a isotropia se sustentar. Então, como afirma Feyerabend, com certo tom irônico:

[...] um satélite feito especialmente para este fim descobriu variações no valor específico [sic] da grandeza [do ruído anteriormente detectado]. Foi um verdadeiro milagre. Pense bem! Estamos falando de uma situação muito além de tudo que podemos conceber nos laboratórios [...]. Temos umas poucas observações e previsões esporádicas, e – veja bem! – tudo se conecta lindamente.

Não é surpreendente que os defensores do Big Bang, muitas vezes criticados por suas suposições estranhas e pseudoteológicas, sejam agora glorificados? (FEYERABEND, 2016, p. 42)

Na sequência, Feyerabend solicita: “Agora esqueçam a astrofísica e considerem algumas outras coisas que estão acontecendo hoje no mundo.” Sua proposta converge para a recordação dos acontecimentos envolvidos nas revoltas de Los Angeles, ocorridas cerca de um mês antes daquela conferência (1993).

As revoltas de Los Angeles constituíram um violento massacre a uma população majoritariamente pobre, mobilizada em reação ao resultado do julgamento de policiais que haviam detido e espancado até a morte um taxista negro. Apesar das cenas do crime terem sido gravadas e tornadas públicas, os policiais foram absolvidos e considerou-se que eles “tinham feito seu trabalho apropriadamente e eram inocentes de quaisquer acusações.” (FEYERABEND, 2016, p. 42). Isso gerou manifestações, duramente reprimidas, em várias cidades norte-americanas, resultando na morte de 42 pessoas só em Los Angeles, além de milhares de pessoas feridas.

Por fim, então, Feyerabend se remete à guerra da Iugoslávia, recobrando o depoimento de um estudante de sociologia a respeito da destruição e matança que tinham se tornado comuns em seu país. O jovem havia lhe afirmado, por meio de uma carta, que “sempre acreditou no poder da democracia e da liberdade de expressão” (2016, p. 43), mas que agora só tinha confiança no homem armado que lutava ao seu lado.

As três alusões são tecidas por meio do seguinte encaminhamento:

Agora, comparem os dois tipos de evento que acabei de descrever. De um lado, uma descoberta grandiosa e emocionante que afeta, assim parece, toda a humanidade. Do outro, guerra, assassinatos, crueldade. Existe alguma conexão? Existe alguma maneira de dar sentido às duas coisas? Existe alguma maneira de usar os produtos da nossa curiosidade e da nossa inteligência para influenciar, atenuar, reorientar nossos instintos básicos? Ou temos que admitir que a história é uma colcha de retalhos de eventos sem nada em comum uns com os outros, e que a natureza humana é uma cesta de compras com mercadorias díspares, algumas divinas, outras monstruosas, sem nenhuma conexão entre si? (FEYERABEND, 2016, p. 43)

Como leitores, podemos confirmar o resultado desconcertante da estratégia de Feyerabend. Por um curto momento, o caos parece revelado com clareza.

Já em *A conquista da abundância*, uma das imagens mais marcantes também se remete ao caos e à diversidade da realidade:

Quase todo mundo admite que existem sonhos, pedras, alvoradas, arco-íris, assassinatos, erros – e muitas outras coisas. Todos esses eventos são reais no sentido de que de fato ocorrem, são noticiados e têm efeitos. Também têm propriedades e conseqüências diferentes em circunstâncias diferentes (por exemplo, sonhos de realeza têm levado ao assassinato e ao derramamento de sangue). Alguns eventos enganam: o que parece ser um estrangeiro repelente, acaba sendo a imagem em um espelho da preciosa personalidade de alguém. Os antigos gregos acrescentaram as divindades; para eles, as ações de Zeus, Athena, Hermes e Afrodite eram tão *reais* quanto sonhos e arco-íris, o que significa que elas ocorriam, tinham propriedades diferenciadas e afetavam o seu ambiente. No entanto, não há uma grande dicotomia, com uma realidade genuína, estável e digna de confiança de um lado e, de outro, aparências enganadoras. Examinados cuidadosamente e sem preconceitos, os fenômenos (enquanto opostos a opiniões sobre eles) não suportam tal divisão. (FEYERABEND, 2005, p. 33)

## 2.5 Atuação

Analisando mais uma estratégia argumentativa, nota-se que a atuação é um recurso onipresente na obra feyerabendiana, que se confunde à própria personalidade do autor e procede de uma antiga e robusta relação dele com os palcos.

Feyerabend chegou a sofrer dilemas quando foi preciso decidir entre a carreira acadêmica e a teatral. Isto porque, desde a adolescência, esta arte se colocou, ao lado da filosofia, entre os principais interesses de sua vida.

Em seu relato sobre o período em que tinha cerca de quinze anos, o autor registra:

De algum modo topei com o teatro e a filosofia. Líamos teatro no colégio, cada estudante recebendo um papel. Eu aumentava meus personagens para dimensões gigantescas; as pessoas boas exalavam benevolência, as más eram personificações do mal. Na necessidade de material ulterior para exprimir este talento, eu comprava brochuras de Goethe, Schiller, Grabbe, Kleist, Shakespeare [...], Ibsen e levava-as para longos passeios no bosque e nas colinas em torno de Viena. Eu tinha lugares especiais em áreas isoladas onde me sentava ou perambulava, lendo e declamando por horas. (FEYERABEND, 1996, p. 36)

O talento de Feyerabend para o teatro foi notado por Bertold Brecht. Por intermédio de um amigo (Walter), ele conheceu o dramaturgo e este indicou disposição para aceitá-lo como assistente, em Berlim. Feyerabend recusou para permanecer em Viena, onde desenvolvia atividades como estenógrafo e iniciava seus contatos com Karl Popper. Em sua autobiografia ele afirma: “Cheguei a pensar (e dizê-lo por escrito) que este tinha sido o maior erro de minha vida. Hoje não estou tão seguro.” (FEYERABEND, 1996, p. 81). Embora, aparentemente, a filosofia tenha vencido a disputa, Feyerabend, que jamais aprovou o rótulo de filósofo, conservou o ímpeto de ator.

Em seu testemunho pessoal a respeito da imagem de Feyerabend nas conferências de Trento, em 1992, Ugo Mattei, professor da Universidade da Califórnia, afirma: “Ele parecia um gênio, ou um diretor de cinema, com um cabelo desarranjado” (MATTEI, 2016, p. 209). Já Renato G. Mazzolini, professor de história da ciência da Universidade de Trento, escreve:

Recordo-me [...] que Feyerabend discorreu sem fazer uso de qualquer texto escrito. Ele não tinha fichas, nem ao menos um caderno de notas. Isso me surpreendeu, pois durante suas lições ele citou de memória (ou melhor, declamou) inúmeras passagens dos antigos filósofos e escritores gregos. (MAZZOLINI, 2016, p. 210)

De fato, a imagem em movimento de Feyerabend (falando, gesticulando e utilizando suas singulares expressões faciais) potencializa esta característica. Na entrevista *Céus, o que é um ser humano?*, de 1993, há várias passagens em que nitidamente se reconhece a intenção de atuar.

No início da entrevista, por exemplo, Rüdiger Safranski o provoca com a seguinte questão: “Senhor Feyerabend, estamos aqui em Roma diante da catedral de São Pedro. Que significado essa monumental presença do espírito Ocidental tem para você?”. A reação de Feyerabend é claramente teatral. Ele demonstra intenção de se virar para trás para verificar a vista (onde se situa a catedral), mas recua antes de seu olhar alcançá-la (como se nem a tivesse encontrado). Volta-se de novo para Safranski e diz: “Nada muito grandioso. Uma bela obra em que se pode entrar e vivenciar todo tipo de surpresas. ‘Unidade Ocidental’. Isso é conversa. Isso não me impressiona muito.”

É possível imaginar Feyerabend compartilhando com Safranski um sentimento de admiração pela grandiosidade daquela catedral, caso o filósofo tivesse lhe proposto, por exemplo, analisar como a convergência das influências de diversas culturas e o trabalho de milhares de pessoas resultou em uma construção em que, como o próprio austríaco disse, “se pode entrar e vivenciar todo tipo de surpresas.” – em outras palavras, como uma imagem da diversidade. O que Feyerabend captou, no entanto, foi que Safranski propôs utilizar aquela imagem como um ensejo para defender o poder de realização da cultura hegemônica ocidental. Isto foi imediatamente driblado (CÉUS..., 1993).

## 2.6 Diálogos

Os diálogos feyerabendianos serão entendidos aqui como constituídos por duas formas de manifestação argumentativa. Aquela em que o autor estabelece, de fato, comunicação com um interlocutor (real ou imaginário – no caso de conversas entre personagens), e os monólogos escritos de forma dialógica, que constituem simulações de diálogo com o objetivo de intensificar o contato com o leitor – ou seja, as explicações baseadas em perguntas e respostas (ambas do próprio autor).

*Contra o método* contém 154 interrogações. Algumas estão envolvidas, por exemplo, em paráfrases feyerabendianas dos diálogos entre os personagens Salvati e Simplicio (do livro *Diálogo sobre os dois principais sistemas de mundo*), e foram introduzidas no livro com a finalidade de explicitar princípios teóricos enunciados por Galileu (cf. capítulo VII). Entretanto, a maioria delas enquadra-se na segunda natureza de argumentação mencionada acima, como é o caso do exemplo a seguir: “é possível ter, ao mesmo tempo, a ciência tal como a conhecemos e as regras de um racionalismo crítico tal como o descrito? A essa pergunta a resposta parece ser um firme e sonoro Não.” (1977, p. 274). A estratégia facilita que o leitor tenha clareza sobre a finalidade do autor ao desenvolver determinados argumentos. Ela também acrescenta tom de interatividade no texto, tornando-o mais vigoroso. Isto, obviamente, tem relação com a própria natureza da obra *Contra o método*: “[...] uma carta longa e sobretudo pessoal [...]”, para seu amigo Lakatos (FEYERABEND, 2001, p. 68).

Encontram-se explicações desse tipo em quase todas as principais obras de Feyerabend; no entanto, quando se busca o estabelecimento de diálogos reais, destacam-se *A ciência em uma sociedade livre* e *Diálogos sobre o conhecimento*.

Na primeira obra, os diálogos são estabelecidos com críticos, em seções em que Feyerabend responde comentários adversos à sua produção. O tom assumido pelo autor neste contexto é irritadiço e irônico, sobretudo em função da atitude que tornou clássicas as más interpretações de sua obra (FEYERABEND, 2011).

O livro *Diálogos sobre o conhecimento* (FEYERABEND, 2001), que só existe em português, é formado pela reunião de duas produções independentes de Feyerabend escritas nos anos de 1976 e 1991 em forma de peça teatral. A primeira envolve a interação entre treze personagens (Arnold, Maureen, Leslie, Donald, Charles, Seidenberg, Li Feng, Gaetano, Jack, doutor Cole, David, Bruce e Arthur) em uma “[...] célebre universidade durante um seminário”, no qual tem-se como pauta o diálogo platônico *Teeteto*. A cena é colorida por personalidades desafiadoras (que representam posições ideológicas antagônicas) e referências filosóficas irônicas, inclusive ao próprio Feyerabend. Em seu desfecho é acrescentada a personagem Grazia (referência à esposa do autor), e o professor Cole, que é o *alter ego* de Feyerabend, em desalento pelo caminho que seu seminário havia tomado, sai da sala conversando com ela.

Os seguintes trechos são algumas das partes mais memoráveis do livro em relação ao que aqui está sendo tratado:

Dr. Cole – [...]. Platão tem a dizer alguma coisa de muito interessante sobre o conhecimento, por exemplo, sobre o relativismo. Sem dúvida vocês ouviram falar de relativismo.

Charles – Pretende dizer Feyerabend?

Dr. Cole – Não, certamente não. [...]. (FEYERABEND, 2001, p. 27)

Jack – Bem, de qualquer modo, é necessário também traçar uma linha, especialmente hoje, quando há em circulação gente que quer ressuscitar a astrologia, a bruxaria, a magia. Algumas coisas são conhecimentos, outras não – concorda com isso?

Arthur – Com certeza. Mas não creio que se possa traçar uma linha de uma vez por todas, e com a ajuda de uma simples fórmula. Não penso tampouco que se possa traçá-la como se fosse um regulamento de tráfego. Os limites emergem, apagados, desaparecem novamente, enquanto são parte de um processo histórico muito complexo... (FEYERABEND, 2001, p. 31)

Maureen – [...]. Uma vez vi um bom amigo meu em pé numa livraria, a uma certa distância de mim e pensei: ‘Que aspecto desagradável tem aquela pessoa!’ – Depois o reconheci Gaetano – e o que aconteceu?

Maureen – Bem, é uma pessoa muito doce, e assim me pareceu quando o reconheci. (FEYERABEND, 2001, p. 51)

Grazia (*aparece à porta uma senhora atraente de basta cabeleira e um marcante acento italiano*) – É esta a aula sobre a teoria do conhecimento?

Dr. Cole (*visivelmente interessado*) – Era, infelizmente acabou.

Grazia (*desiludida*) – Por que estou sempre atrasada? (FEYERABEND, 2001, p. 62)

A segunda parte de *Diálogos sobre o conhecimento* constitui um diálogo entre dois personagens: Feyerabend, ou “B”, que é personificação do próprio autor, e “A”, um indivíduo bem instruído em filosofia, que compartilha uma interpretação média sobre a figura de Feyerabend e sua obra. Feyerabend tenta dissuadi-lo em relação à ideia de que seja um “filósofo”. E a conversa rende a rememoração de muitas confissões do autor (já compartilhadas em outros contextos):

B – [...]. Pode ocorrer que tenha havido algo que se assemelhava a uma ‘posição’ filosófica de estudante e do início da minha carreira. Então, eu sustentava que não existia outro conhecimento exceto o conhecimento científico e que todo o resto é uma bobagem. Essa é uma espécie de ‘posição’, não é verdade?

A – E depois o senhor se tornou anárquico.

B – Não. Depois eu li Wittgenstein. (FEYERABEND, 2001, p. 68)

B – [...]. Como quer que seja, se há algum ‘resíduo’ no meu armário, é um resíduo céptico. Mas, prossigamos – em alguma parte durante a minha trajetória li um interessante ensaio de Michael Polanyi sobre a concepção do mundo dos Azande (população centro-africana). Ali, aparecia aplicado concretamente o conselho de Wittgenstein, que manda olhar, entender e não sair pela tangente. E depois Mill, em *Sobre a Liberdade*, ensinou-me que as diversas concepções do mundo não devem estar necessariamente lado a lado, mas podem estar empenhadas em melhorar o clima geral da consciência. [...]. (FEYERABEND, 2001, p. 73)

É interessante lembrar que, em *Diálogos sobre o conhecimento*, o personagem Feyerabend afirma para “A” que, como professor de filosofia, o que fazia era contar histórias. “Sim, histórias sobre qualquer gênero de coisas” (FEYERABEND, 2001, p. 75). Com o verdadeiro Feyerabend, como autor e conferencista, não foi diferente. As histórias contadas por ele, entretanto, assumiram diversas formas sobre as quais se incluem as estratégias argumentativas “investigação histórica”, “recurso a histórias” e “narração arquetípica”. A partir de agora, nos propomos a analisá-las.

## 2.7 Investigação histórica

A investigação histórica na obra de Feyerabend, conforme se fará referência aqui<sup>3</sup>, diz respeito à apresentação de uma reconstituição interpretativa de ocorrências reais, geralmente de um ponto de vista mais propício a ressaltar traços humanitários envolvidos em um processo do que os marcos e especificidades das realizações de um único indivíduo.

3 Parte significativa da obra feyerabendiana diz respeito à reconstrução interpretativa da história do racionalismo ocidental. Com o termo “investigação histórica” não se faz, nesta seção, uma menção a este trabalho de Feyerabend, mas a sua recorrência a histórias simples e ilustrativas como recurso de retórica.

*Contra o método* contém uma das mais extensas investigações históricas realizadas por Feyerabend: seu estudo de caso a respeito de Galileu, que se estende, com interrupções, desde o capítulo VI até o capítulo XIII da obra.

Uma investigação histórica também muito minuciosa (porém bem menos extensa) é apresentada por Feyerabend a respeito de Pitágoras, em *Ciência, um monstro*. Grande parte da argumentação constituída em *A conquista da abundância* se baseia nessa estratégia.

Como já foi mencionado acima, investigações históricas a respeito de termos também já foram realizadas por Feyerabend, como é o caso da explanação sobre o “relativismo”, no primeiro capítulo de *Adeus à razão*.

Retomando o exemplo relacionado a Pitágoras, pode-se ler Feyerabend afirmando:

Pitágoras iniciou sua carreira em Samos, sob o domínio do tirano Polícrates. Naquela época, havia muitas formas diferentes de governo, em torno do Mediterrâneo e mais para o interior. Havia monarquias, democracias, oligarquias, tiranias e outras. Os tiranos nem sempre eram maus. Ocasionalmente conquistavam o poder com a ajuda dos fracos e oprimidos. As pessoas que sofriam anos de injustiça e privação escolhiam um nobre como líder e derrubavam o resto da nobreza com a ajuda dele. [...]. De todo modo, Pitágoras cresceu em Samos, uma pequena ilha diante da Ásia Menor, sob o domínio do tirano Polícrates. Tendo suas próprias ideias políticas, Pitágoras não se entendia muito bem com Polícrates; por causa disso, acabou se mudando para Crotona, no sul da Itália. ((FEYERABEND, 2016, p. 99)

A apresentação das ideias acima teve, em seu contexto, a intenção de demonstrar como os cientistas (grupo no qual Feyerabend inclui Pitágoras) e também a ciência assumiram características variadas ao longo da história. Pitágoras não era um especialista. Ele fez incursões em muitas áreas, tais como “a aritmética, a geometria, a astronomia e a ética”. A ciência, para ele, “não era um fim em si mesmo” (FEYERABEND, 2016, p. 99), mas uma forma de purificar a alma; uma posição que Feyerabend considerou tão interessante como enigmática, e que coloca em xeque a concepção de ciência como movimento único, internamente coerente e homogêneo. A investigação histórica em Feyerabend tem, portanto, a função de arejar perspectivas hegemônicas resultantes da influência das revisões históricas convencionais, sobretudo com a finalidade de fortalecer os *leitmotifs* do próprio autor.

## 2.8 Recurso a histórias

Já o que foi aqui considerado como recurso a histórias refere-se à apresentação mais concentrada de uma narrativa baseada em ocorrências reais ou imaginativas, com menor detalhamento, e acompanhada da possibilidade de extração de um sentido mais coeso que ilustre precisamente um determinado argumento, ou dê colorido à explanação geral.

Comumente este tipo de explanação dispensa uma contextualização e é emitida na forma de um “conto”, incluindo um só conflito ou questão desafiadora, que pode receber desfecho interno ou lançar motivos para a extrapolação do leitor ou ouvinte. São exemplos desta estratégia argumentativa feyerabendiana os seguintes parágrafos:

Uma jovem uma vez escreveu para Immanuel Kant. Ela estava com um grave problema e perguntou se poderíamos mentir em determinadas circunstâncias, no caso quando sabemos que a verdade machucaria demais a outra pessoa. Kant respondeu dizendo que devemos dizer a verdade sob todas as circunstâncias, porque mentir significa trair toda a humanidade. (FEYERABEND, 2016, p. 155)

Há um ano, aproximadamente, eu estava com pouco dinheiro. Aceitei, então, um convite para contribuir para um livro sobre a relação entre ciência e religião.

Para fazer o livro vender pensei que deveria fazer da minha contribuição algo provocativo; e a declaração mais provocante que pode ser feita sobre a relação entre ciência e religião é que a ciência é uma religião.

Tendo elaborado a declaração central de meu artigo, descobri que muitas razões, muitas excelentes razões, poderiam ser encontradas para mantê-la.

Enumerei as razões, terminei o meu artigo, e fui pago.

Essa foi a primeira fase.

Em seguida fui convidado para a Conferência para a Defesa da Cultura. Aceitei o convite porque pagaram meu voo para a Europa. Eu também devo admitir que estava bastante curioso.

Quando cheguei a Nice, não tinha idéia do que iria dizer. Enquanto a conferência prosseguia, descobri que todos esperavam muito da ciência e que todos estavam muito sérios. Então resolvi explicar como alguém poderia defender a cultura da ciência.

Todas as razões recolhidas no meu artigo se aplicariam bem aqui também e não houve necessidade de inventar coisas novas.

Eu dei minha palestra, fui recompensado com um protesto sobre as minhas 'perigosas e irrefletidas idéias', peguei meu bilhete e vim para Viena. (FEYERABEND, 1975, p. 1)

## 2.9 Narração arquetípica

A narração arquetípica, que aqui é proposta como uma estratégia argumentativa diferente daquelas consideradas por Oberheim (2011, p. xi), consiste na apresentação de uma unidade textual, geralmente de fonte alheia, que carrega consigo um modelo essencial multirrepresentativo. Ela compartilha características com a imagem, mas vai além dela por ativar um princípio originário transcendente, que geralmente causa a impressão de “compreensão direta” do argumento.

Em função dessa natureza multirrepresentativa, uma mesma unidade textual pode ser introduzida para favorecer a compreensão de teses aliadas de diferentes naturezas. Em suma, as narrações arquetípicas se caracterizam por fornecer imagens que são ao mesmo tempo essenciais e contextualmente adaptáveis a partir de uma narração simples e, geralmente, utilizadas para explicar intuitivamente algo muito complexo, apelando para a formação de condições para o *insight* em detrimento da explanação prolixa.

As narrações arquetípicas se tornaram cada vez mais comuns nas últimas publicações de Feyerabend e estiveram muito ligadas a citações de pensadores da Grécia Antiga.

O mesmo fragmento de um poema de Xenófanes foi utilizado por Feyerabend em *A conquista da abundância e Ciência, um monstro*, em desenvolvimentos textuais diferentes, porém conectados por um fio condutor, a saber: a crítica à perda da vivacidade e utilidade do discurso sobre o conhecimento que foi promovida pela ciência. Segue abaixo uma das traduções do fragmento mencionado, tal como foi citado por Feyerabend:

Agora o chão da casa está limpo, as mãos de todos  
e as taças; um cinge as cabeças com guirlandas de flores,  
outro oferece odorante mirra numa salva;  
plena de alegria, ergue-se uma cratera,  
à mão está outro vinho, que promete jamais faltar,



vinho doce, nas jarras cheirando a flor;  
pelo meio perpassa sagrado aroma de incenso,  
fresca é a água, agradável e pura;  
ao lado estão pães tostados e suntuosa mesa  
carregada de queijo e espesso mel;  
no centro está um altar todo recoberto de flores,  
canto e graça envolvem a casa.  
É preciso que alegres os homens primeiro cantem os deuses  
com mitos piedosos e palavras puras.  
Depois de verter libações e pedir forças para realizar  
o que é justo – isto é que vem em primeiro lugar –  
não é excesso beber quanto te permita chegar  
à casa sem guia, se não fores muito idoso.  
É de louvar-se o homem que, bebendo, revela atos nobres  
como a memória que tem e o desejo de virtude,  
sem nada falar de titãs, nem de gigantes,  
nem de centauros, ficções criadas pelos antigos,  
ou de lutas civis violentas, nas quais nada há de útil.  
Ter sempre veneração pelos deuses, isto é bom. (FEYERABEND, 2016, p. 97)

Com este fragmento, Feyerabend traz à tona a relação estabelecida entre indivíduo e conhecimento num contexto não adoecido pela presença de um “monstro” que se propõe a substituir todas as influências com potencial de oferecer sentido à vida. E não é esta forma de se referir à ciência – o monstro que repete uma única mensagem coerente (FEYERABEND, 2016, p. 85) – um meio feyerabendiano de constituir uma narração arquetípica? Certamente, tanto a aplicação da imagem do “monstro” quanto do “tirano” (ambas em analogia à ciência) é capaz de invocar noções profundamente arraigadas na consciência de grande parte dos seres humanos.

Talvez uma das narrativas arquetípicas mais bem empregadas por Feyerabend tenha sido aquela na qual ele apela à reconstituição de uma ação de Aquiles para explicar por que “*potencialmente cada cultura é todas as culturas.*” (FEYERABEND, 2005, p. 63). Para finalizar nossa apresentação das estratégias argumentativas de Feyerabend, será analisada essa narrativa, que se encontra em *A conquista da abundância* – capítulo *A conjectura apaixonada de Aquiles*. (2005, p. 45).

Sua explicação começa com uma passagem da *Ilíada* que dividiu opiniões de especialistas. Nela, mensageiros solicitam a Aquiles que retorne para auxiliar o exército de Agamenon na batalha contra Troia. Aquiles havia sido ofendido por Agamenon, e por isso este último ofereceu a mão de sua própria filha em casamento como recompensa pelo retorno solicitado. A oferta, entretanto, é rejeitada por Aquiles. Para ele não fazia mais sentido lutar pela honra, uma vez que a sua já havia sido perdida (FEYERABEND, 2005, p. 45).

Os mensageiros ficaram atônitos com a reação de Aquiles, porque ela era inesperada. Eles tentam contra-argumentar recorrendo às referências de comportamento de que dispõem. A persistência de Aquiles em sua posição de rejeição da oferta pelos motivos apresentados não se encaixa com os valores compartilhados mais claramente naquele contexto (FEYERABEND, 2005, p. 46).

Feyerabend recorre à citação de um texto de Adam M. Parry<sup>4</sup> para demonstrar como alguns autores interpretaram a fala de Aquiles como algo que extrapolava as possibilidades contextuais. Sua forma de expressão foi entendida como um recurso à confusão, diante da impossibilidade de expressão satisfatória com as ferramentas linguísticas disponíveis. Para Feyerabend, esta é uma interpretação equivocada (FEYERABEND, 2007, p. 47).

Algumas questões apresentadas pelo autor ajudam a elucidar sua opinião. Se fosse plausível pensar que aquela cultura, por exemplo, não comportava o comportamento de Aquiles, o que a arrancaria da tendência de se reproduzir circularmente, não dando espaço para acontecimentos surpreendentes? E mais, como Aquiles, como um membro da cultura, poderia extrapolar a própria cultura?

Para Feyerabend a questão é interpretada da seguinte forma: não há indivíduos à frente de seu tempo e não há acontecimentos histórico-culturais que extrapolem as possibilidades da cultura em que estão contextualizados. O que há é o mesmo espectro infinito de possibilidades implícito em cada cultura. Sendo assim, todas as culturas que existem, existiram ou existirão compartilham entre si os mesmos caminhos abertos. Percorrer alguns e não outros destes caminhos é o que diferencia uma cultura da outra. Porém, em potencial, cada uma delas é todas as demais. A pluralidade como resultado da intervenção humana é mais uma vez a chave do raciocínio feyerabendiano. A uniformidade não é desejável e nem mesmo possível. Por outro lado, estimular trocas abertas entre tradições – em oposição a trocas guiadas – tende a ser uma ação vantajosa para os envolvidos.

### 3. Considerações finais

Não pretendemos, evidentemente, ser exaustivos sobre a relação entre ciência e arte ou a respeito da utilização de estratégias argumentativas na obra de Feyerabend. Há muito mais a ser pesquisado, e este artigo é apenas um primeiro resultado de uma abordagem inicial. Como vimos, Feyerabend aliou procedimentos artísticos e científicos na sua argumentação sobre as ciências, também entendidas por ele como atravessadas pelas artes.

Vale lembrar que as estratégias argumentativas feyerabendianas raramente aparecem individualmente. Quase sempre o recurso a histórias é também uma forma de promover a construção de uma imagem ou de expor uma análise linguística. A atuação frequentemente é associada às narrações arquetípicas, aos diálogos, à crítica imanente ou à redução ao absurdo.

Além das estratégias apresentadas, a ironia e o discurso jocoso também poderiam ser lembrados como fortes componentes do repertório discursivo do autor, além de muitas outras formas argumentativas que se revelariam em um estudo mais minucioso. A possibilidade de classificar como metáforas as narrações arquetípicas, entre outras estratégias usadas por Feyerabend, também merece uma análise mais detalhada à luz das teorias da metáfora.

Como um (não)filósofo, ator e cantor de ópera, Feyerabend vestiu diversos personagens ao construir seus textos e conferências. Um eixo de coerência, entretanto, mantém estas personas ligadas e intercomunicantes em uma convivência animada e intensa. Esse eixo é o pluralismo em todas as suas facetas, que se pode, junto com Abrahão (2015), sintetizar com o termo pluralismo global.

4 O trecho citado por Feyerabend foi extraído do artigo: Adam Parry, The language of Achilles, *Transactions and proceedings of the American Philological Association*, n. 87 (1956), 1-7. doi:10.2307/283867.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Luiz Henrique de Lacerda. *O Pluralismo Global de Paul Feyerabend*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2015.
- CÉUS, o que é um ser humano? Entrevista de Paul Feyerabend concedida a Rüdiger Safranski, em Roma, 1993. Translated by Adriano Steffler. *Science Studies UEM/UERJ* (2014). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w-MazVlimyPc>. Acesso em: 14 out. 2019.
- FARRELL, R. P. *Feyerabend and scientific values: tightrope-walking rationality*, Dordrecht: Kluwer, 2003. doi:10.1086/498485.
- FEYERABEND, Paul. *Ciência, um monstro: lições trentinas*. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- FEYERABEND, Paul. *Wissenschaft als kunst*. Frankfurt am Main: Editora Suhrkamp, 2013.
- FEYERABEND, Paul. *A ciência em uma sociedade livre*. Tradução de Vera Joscelyne. São Paulo: Unesp, 2011.
- FEYERABEND, Paul. *Adeus à razão*. Tradução de Vera Joscelyne. São Paulo: UNESP, 2010.
- FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. 3. ed. Tradução de Cezar Augusto Mortari. São Paulo: Unesp, 2007.
- FEYERABEND, Paul. *A conquista da abundância: uma história da abstração versus a riqueza do ser*. Tradução de Cecília Prada e Marcelo Rouanet. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2005.
- FEYERABEND, Paul. *Diálogos sobre o conhecimento*. Tradução de Gita Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- FEYERABEND, Paul. *Matando o tempo: uma autobiografia*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1996.
- FEYERABEND, Paul. *Against method*. Londres/Nova York: Verso, 1993.
- FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. Tradução de Octanny da Motta e Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- FEYERABEND, Paul. *Como defender a sociedade contra a ciência*. Conferência proferida em 1975. Tradução de Paulo L. Durigan. Disponível em: <http://www.paulo.durigan.com.br/content/defender-sociedade-diante-ciencia-feyerabend>. Acesso em: 14 out. 2019.
- LLOYD, Elisabeth A. Feyerabend, Mill, and pluralism. In: Preston, John; Munévar, Gonzalo; Lamb, David. *The worst enemy of science? essays in memory of Paul Feyerabend*. New York: Oxford (2000), 115-124.
- MATTEI, Ugo. Ricordi su Feyerabend: testemunhos pessoais: Ugo Mattei. In: Feyerabend, Paul. *Ciência, um monstro: lições trentinas*. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica (2016), 207-209.
- MAZZOLINI, Renato G. Ricordi su Feyerabend: testemunhos pessoais: Renato G. Mazzolini. In: Feyerabend, Paul. *Ciência, um monstro: lições trentinas*. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica (2016), 209-211.
- OBERHEIM, Eric. Editor's Introduction. In: Feyerabend, Paul K. *The tyranny of science*. Cambridge: Polity, 2011, p. vii-xii.
- OBERHEIM, Eric; HOYNINGEN-HUENE, Paul. Feyerabend's early philosophy. *Studies in History and Philosophy of Science*, Great Britain, v. 31, n. 2, 2000, p. 363-375. doi:10.1016/s0039-3681(00)00007-8.
- OLIVEIRA, Francine Marcondes Castro. *Anarquismo epistemológico em ação: a ciência de Rudolf Steiner na perspectiva do pluralismo global de Paul Feyerabend*. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência e a Matemática) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2019.
- OLIVEIRA, Luiz Alberto. Panorama breve da cosmologia contemporânea. In: Novello, M.; Pinto Neto, N.; Berliaffa, S. E. P. (org.). *Programa mínimo de cosmologia*. Rio de Janeiro: Jauá, 2010, p. 445-478.
- PARRY, Adam. The language of Achilles, *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, n. 87, 1956, p. 1-7. doi:10.2307/283867.
- TERRA, Paulo dos Santos. A propósito da condenação de Feyerabend em Roma por causa de suas ideias sobre o conflito entre a Igreja e Galileu. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 6, n. 4, 2008, p. 665-679. doi:10.1590/s1678-31662008000400010.
- THEOCHARIS, T.; PSIMOPOULOS, M. Where Science has gone wrong. *Nature*, v. 329, n. 6140, 1987, p. 595-598. doi:10.1038/329595a0.
- UN GIUDICE per Galileo. Entrevista concedida por Paul Feyerabend a Marcello Frediani. *Il Sabato*, n. 19, 1990, p. 54-57.